

O FEMINISMO RADICAL DA DIFERENÇA

ANDREA FRANULIC, 2010

Traduzido por Monalisa Gomyde, revisão por Jan.

QUARENTENA
LESBO_
FEMINISTA

TEORIAS LÉSBICAS GRUPO DE LEITURA DE

O feminismo radical da diferença

Por Andrea Franulic¹ (2010)

Tradução para o projeto Quarentena Lesbofeminista do Memória Lésbica.

Tradução: Mona. Revisão: Jan. 2020.

“... e pensei no órgão que retumbava na igreja e nas portas fechadas da biblioteca;
e pensei no quão desagradável é estar excluída;
e pensei que talvez seja pior estar trancada dentro...”²

Ao "comprendermos as coisas desde as raízes"³, percebemos que as mulheres sempre estiveram fora da cultura patriarcal. Nossa diferença em relação aos homens é a seguinte: somos estrangeiras de sua civilização. Homens com poder construíram sua cultura, nos excluindo como seres humanos e, em um mesmo movimento, nos incluindo como *femininas*. Homens sem poder não são estrangeiros desta civilização, ela lhes pertence igualmente. Eles não têm um poder *contingente* em relação a outros homens, mas sempre exercem um poder *necessário* em relação a uma mulher. Mais profunda ainda, a operação primária⁴ de nos negar como humanas e nos incluir como femininas está presente tanto na esfera pessoal quanto na pública. Portanto, o pessoal é político, uma vez que o sistema patriarcal re-atualiza seu domínio nas relações de cada ser humano. Margarita Pisano, teórica radical da diferença, projeta, com base em nossa posição de estrangeiras, uma proposta ético-política e afirma que para saber como funciona o sistema vigente, analisando suas operações fundamentais (em renovação perpétua) e desconstruir a ordem simbólica feminino/masculino, é necessário⁵ o olhar desde o exterior. Sem essa visão, os

1 Realizei minha formação política com Margarita Pisano, com quem durante 16 anos compartilhei uma atuação política.

2 Virginia Woolf: Un cuarto propio. Horas y HORAS, la editorial. Madrid, 2003.

3 A palavra ‘radical – proveniente do grego – quer dizer “que compreende as coisas desde a raíz”. Ver Joan Corominas: Breve diccionario etimológico de la lengua castellana. Gredos. Madrid, 2000.

4 Essa operação não é primária apenas linearmente, também é um presente contínuo, um gerúndio; isto é, é o fundamento da cultura em vigência.

5 Margarita Pisano: Deseos de cambio o ¿el cambio de los deseos? Akí y Ahora. Chile, 1995, 2011; Un cierto desparpajo. Ediciones Número Crítico. Chile, 1996; El triunfo de la masculinidad. Surada. Chile, 2001; Julia,

feminismos continuarão debatendo-se dentro das lógicas estabelecidas.

É nessa perspectiva do *afora*⁶ que se situa o *feminismo radical da diferença*⁷. Eu a defino como uma corrente de pensamento feminista, em diálogo e confronto com os feminismos da igualdade, da diferença, o radical e o pós-moderno. Entra no atual debate de correntes ideológicas, no entanto, brilha na brecha da história para dar continuidade e profundidade às propostas teóricas – com nomes e sobrenomes – que vinculam essa linha de pensamento e fornecem as ferramentas políticas necessárias para interpretar que: "a derrota de nossas antecessoras possui mais dignidade do que o triunfo de nossas contemporâneas."⁸

Carla Lonzi, teórica radical da diferença, diz: “A diferença das mulheres consiste em estarmos ausentes da história há milhares de anos. Vamos tirar proveito dessa diferença ...”⁹ A lógica da inclusão é um elemento fundamental do poder patriarcal. Ao longo da história, pedimos a quem nos domina que fossemos incluídas, reproduzindo e reforçando a ordem do feminino; em vez de perceber que nosso potencial político está em sermos excluídas. Por esse motivo, Lonzi continua: “uma vez que a inserção das mulheres seja alcançada, quem poderá dizer quantos milênios serão necessários para que nos libertemos desse novo domínio?”¹⁰

O fato de estarmos ausentes da História, de sermos estrangeiras da civilização atual e constantemente definidas por outros, projeta uma força transformadora que nenhuma rebelião masculina é capaz de conter. Antes de tudo, nos protege de assumir uma responsabilidade de liderança na desumanização que reina, resultado da devastação do mundo e do planeta que o quero que seas feliz. Surada. Chile, 2004, 2012. A pensadora, ao longo de sua produção teórica, desenvolveu, entre outras idéias importantes, a do patriarcado como uma macro civilização com um possível começo e fim, na qual as mulheres são estrangeiras. Essa idéia forma uma perspectiva de análise desde onde estamos situadas, para desse local interpretar a realidade existente e construir novas realidades.

6 O conceito de *afuera*, pode ser traduzido literalmente como “o fora” ou “por fora”, remete ao reconhecimento da nossa posição de estrangeiras no patriarcado e suas instituições e clama esse local como aquele desde o qual devemos pensar o mundo e pensar o câmbio civilizatório desse mundo. Pensamos deixá-lo no original em espanhol, tanto por ser de fácil compreensão para leitoras brasileiras, quanto por manter sua constituição conceitual inalterada. Mas resolvemos trazer esse conceito de *afuera* da obra de Pisano por meio da palavra em português “*afora*” que pode gerar o mesmo sentido. [Nota da Tradutora + Revisora]

7 Defino esse conceito pela primeira em Pisano, M. & Franulic, A.: Una historia fuera de la historia. Biografía política de Margarita Pisano. Editorial Revolucionarias. Santiago, 2009.

8 Andrea Franulic: Una historia fuera de la historia, *ibidem*.

9 Carla Lonzi: Escupamos sobre Hegel. La mujer clitorica y la mujer vaginal. Editorial Anagrama. Barcelona, 1981.

10 Carla Lonzi, *ibidem*.

sistema patriarcal realizou. O fracasso da civilização pertence a eles; a derrota, como Lonzi diz, é do homem. Ela nos pergunta: "Parece gratificante participar da grande derrota do homem?"¹¹. Daí resulta que nossas ações não podem ser de reivindicação ou salvação, não podemos continuar coletando os mortos de suas guerras e continuar reproduzindo a feminilidade como destino político.

Essa é outra vantagem que podemos extrair de nossa posição estrangeira consciente, a de nos concentrarmos na tarefa política de saber como a feminilidade funciona, o que nos permitirá sustentar discursos que desmantelam o essencialismo patriarcal, uma das crenças mais profundamente enraizadas em seu domínio. Isso opera dessa maneira, pois a construção da feminilidade se perde na origem, tanto no nascimento de cada mulher neste mundo, quanto nas raízes da história. O patriarcado esconde o início de sua cultura com a mitologia e os livros sagrados. Neles se fala de uma criação além do tempo e do espaço, é uma criação divina (a ideia ilusória de Deus). É assim que eles constroem seu essencialismo, enquanto definem nossa "natureza" como mulheres. A cultura patriarcal é simultaneamente fundamentalista e misógina. Ela nos despreza como pessoas e nossa resposta obediente é a feminilidade. Eles se amam, se legitimam e se admiram. Nós os amamos e os admiramos. Enquanto isso, nós desprezamos umas às outras e a nós mesmas. A misoginia atravessa *o íntimo, o privado e o público*¹², uma experiência essencial que nenhuma outra subjugação possui. As desigualdades de raça e classe não têm uma operação secundária desse tipo. Refiro-me à construção do feminino, que oculta a negação primária de nossa existência. Portanto, a opressão das mulheres não é sequer comparável a outras opressões. Evidente que pode-se aprofundar-la, pois nossa dominação atravessa classe, raça e idade.

A falta de amor próprio e a insegurança que essa ausência projeta, a profunda insegurança de não saber de onde vêm nossos medos e, principalmente, o impedimento emocional e intelectual de exercer a capacidade humana de pensar de forma autônoma, são traços do feminino. É no vazio de amor próprio, sobre essa carência, que se ergue o cenário do *romântico amoroso*, cuja realização ideal é o modelo patriarcal da "boa mãe": assim, justificamos nossa permanência nesta

11 Carla Lonzi, *ibidem*.

12 O conceito do íntimo, privado e público e do romântico amoroso, que utilizo no parágrafo seguinte, são definidos por Margarita Pisano em seus livros.

vida, servindo aos outros, vivendo – sexual, emocional e ideologicamente – em função dos outros. O amor, nesse contexto, é a cobertura mais perversa, porque nos torna cúmplices de nosso domínio, nos torna vulneráveis e possibilita que nos manipulem por meio do sentimento de culpa.

Esses mecanismos naturalizam a desumanização das mulheres, asseguram que, de tempos em tempos, tenhamos que repetidamente "demonstrar" que existe uma civilização patriarcal. Da mesma forma, nós mulheres continuamos divididas entre nós, pedindo permissão nas lutas alheias, usando as ferramentas ideológicas deles para denunciar discriminações. Ao lermos a nós mesmas na história deles, nossa alienação e a misoginia permanecem intactas.

Portanto, temos que tirar proveito de estarmos ausentes da história há milhares de anos e nos situar *afora* (de fora) para observar. Somente assim podemos compreender como o sistema patriarcal e sua feminilidade operam. Somente assim podemos desmantelar nosso desejo de pertencer. Somente assim podemos ler sua história de heróis como uma história de violência contra nós. Somente assim podemos recuperar as mulheres que exercitaram teimosamente a capacidade humana de pensar de forma independente, mesmo que a muitas tenha lhes custado a vida. O feminismo, como eu o entendo, é um projeto político em si mesmo, cuja possibilidade de transformação do mundo supera a de qualquer movimento subversivo que ocorreu na história, porque é o único que pode fornecer uma análise radical do poder.

No marco da lógica inclusiva, os homens constroem suas dicotomias. Etimologicamente, a palavra "dicotomia" vem do grego e significa literalmente "eu corto em duas partes"¹³. Uma vez que fomos incluídas por eles como femininas, esse *eu* masculino que corta em dois emerge. Eles pensam, nós amamos. Eles produzem, nós reproduzimos. E eles garantem que essa dualidade é complementar. E para a civilização deles, é. Nesse sentido, Margarita Pisano afirma que masculinidade/feminilidade é um todo indivisível, um construto único, um corpo único. Os homens se apropriaram das capacidades do ser humano: criar cultura e sociedade, fazer filosofia e política, falar e escrever, pensar o mundo, construir símbolos e valores¹⁴. Ao mesmo tempo,

13 Joan Corominas, *ibidem*.

14 Margarita Pisano, *ibidem*.

eles envolveram essas capacidades em uma lógica de dominância, as embeberam no conceito de superioridade e disfarçaram tudo com a ideia de universalidade neutra e abstrata. Não poderia ter sido de outro modo, já que dessa apropriação viria imbricada com a nossa exclusão do pensamento.

Ao longo da história, as mulheres foram perseguidas e mortas por pensar: mulheres da revolução francesa, mulheres da *querela* medieval¹⁵, bruxas do final da Idade Média¹⁶, as *preciosas* do século XVII¹⁷, as sufragistas dos séculos XIX e XX¹⁸, entre outras. Apesar da violência masculina, a única maneira de transcender a negação original de nossa existência é através da expressão material de um pensamento diferente. E é exatamente isso que o feminismo pretendida

15 A querela das mulheres, conhecida principalmente por sua expressão francesa *querelle des femmes* é o nome pelo qual é conhecido o debate literário e acadêmico que ocorreu ao longo de vários séculos desde o final do século XIV na Europa medieval, até a revolução francesa no século XVIII. Em defesa da capacidade intelectual e do direito das mulheres de acessar a universidade e da política das mulheres contra a misoginia. Afirma-se que essa capacidade não é uma questão de natureza, mas social, sobre as possibilidades de acesso ao conhecimento. A denúncia foi manifestada publicamente em reuniões e gerou numerosos escritos sobre o valor, a diferença e as relações entre os sexos. A primeira mulher a participar desse debate publicamente é a escritora italiana francesa Christine de Pizan (1364-1430) que em 1405 escreveu *A Cidade das Senhoras*. Fonte: wikipedia. [Nota da Tradutora]

16 Indicamos como leitura sobre as bruxas as seguintes referências: Silvia Federici. **Calibã e a Bruxa**.

Tradução pelo Coletivo Sycarax, acesso em:

http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf; Barbara

Ehrenreich e Deirdre Englis. **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras**, acesso em:

<https://we.riseup.net/assets/375549/Barbara-Ehrenreich-and-Deirdre-English-Bruxas>

[%2C+parteiras+e+enfermeiras+2ed+zinao.pdf](https://we.riseup.net/assets/375549/Barbara-Ehrenreich-and-Deirdre-English-Bruxas-%2C+parteiras+e+enfermeiras+2ed+zinao.pdf). Para leitura específica sobre mulheres julgadas e condenadas pelo Santo Ofício no Brasil, especificamente por manterem relacionamentos com outras mulheres, indicamos o livro publicado pela EDUFBA de Lígia Bellini, **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. [Nota da Tradutora]

17 As Preciosas, é como foram denominadas as mulheres responsáveis pelo preciosismo, movimento cultural e social que acontece majoritariamente na França na primeira metade do século XVII, organizado e liderado por mulheres que realizavam salões e se tornaram a medida da produção cultural e da sociabilidade da época. Como aponta Olivia Blanco, a especificidade dos salões das Preciosas no século XVII radica em relação ao feminismo pré-moderno no fato de que “graças a elas a questões da querela feminista saem do campo privado dos teólogos e passam a ser um tema público” (O. Blanco, "La 'querelle feministe' en el siglo XVII", en C. Amorós (coord.), *Actas del Seminario Permanente Feminismo e Ilustración*, p. 77.). [Nota da Tradutora]

18 O movimento sufragista ocorreu em vários países democráticos do mundo, entre o fim do século XIX e o início do século XX, para organizar a luta das mulheres pelo direito ao sufrágio (voto). Algumas genealogias feministas definem o movimento sufragistas como a primeira onda do feminismo. Indicamos a leitura do artigo de Mônica Karawejczyk, **Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro**, acesso em

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/15391/12462> e do artigo de

Gisela Maria Bester, **A luta sufrágica feminina e a conquista do voto pelas mulheres brasileiras: aspectos históricos de uma caminhada**, acesso em <http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/download/907/pdf>. [Nota da Tradutora]

ser. Para isso, desde o feminismo construiu-se conhecimento, filosofia, teoria, projetou-se uma práxis política, interpretou-se a história, produziram-se movimentos sociais, mulheres se organizaram; mas muitas vezes tudo isso foi feito sem abandonar a feminilidade, e na feminilidade não se possui autonomia de pensamento. Isso atrasou, juntamente com outros fatores, a possibilidade de construir uma visão própria que tenha uma continuidade visível no tempo, que seja acessível a qualquer mulher (e homem) neste mundo e que aluda a um referente radicalmente diferente daquele imposto pelo sistema patriarcal, isto é, que não reproduz sua lógica de dominação.

A palavra "dicotomia" não é um problema em si mesma. O problema reside nesse *eu* que corta, separa e divide na cultura vigente; mas não na ação de cortar, separar e dividir, inclusive muitas vezes em dois, tão necessária para a vida. Nesse sentido, o feminismo deve marcar uma *dicotomia* teórica, filosófica, política e ética em relação ao patriarcado. É a isso que Teresa de Lauretis se refere, em parte, na seguinte citação: “Bem, na realidade há, inegavelmente, uma diferença essencial entre a compreensão feminista e não feminista do sujeito e sua relação com as instituições; entre conhecimentos feministas, discursos e práticas das formas culturais, relações sociais e processos subjetivos; entre uma consciência histórica feminista e não-feminista. Essa diferença é essencial na medida em que é constitutiva do pensamento feminista e, portanto, do feminismo: é o que faz o pensamento feminista e o que constitui certas maneiras de pensar, certas práticas de escrita e de leitura, de imaginar, de relatar, de atuar, etc, colocando-as dentro do movimento social historicamente diverso e culturalmente heterogêneo que, apesar de suas qualificações e distinções, continuamos com boas razões para chamar de feminismo.”¹⁹

Por outro lado, para Margarita Pisano, o feminismo fracassou²⁰. E acho que continuará fracassando enquanto não radicalizar sua diferença, se não se separar ideologicamente da civilização androcêntrica. Nesse sentido, o discurso do fracasso é uma tomada de consciência, especialmente em um contexto que visa apagar – mais uma vez – a força civilizadora que o feminismo potencialmente possui. A pós-modernidade e seu próprio feminismo, as políticas *queer*, o movimento LGBT²¹, a questão de des-identidades ou "diferenças" ou as "novas

19 Em Debate feminista, año I, vol. 2, septiembre 1990. “El feminismo en Italia”. Editorial: Marta Lamas, México. O artigo de Teresa de Lauretis se encontra nas páginas 77-115.

20 Margarita Pisano, *ibidem*.

21 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros.

masculinidades", o tema da diversidade e da tolerância, entre outros, fazem parte do repertório atual e sofisticado que o sistema vigente utiliza para que as mulheres continuem sem história. Desta vez, desde a Academia se assentou mais firmemente, onde muitas, aninhadas no confortável nicho dos "estudos de gênero", irradiam correntes masculinas de pensamento.

Enquanto o sistema patriarcal não for desmantelado desde seus fundamentos, não haverá lugar para a expressão radical da *diferença*, entendida como um princípio existencial. Se a experiência fundadora repousa na nossa exclusão do humano e na imposição de um único ponto de vista legítimo para olhar a vida, interpretar a realidade e definir o mundo, só poderá haver *uniformidade* nessa cultura androcêntrica, disfarçada como a ideia de um "sujeito universal"; e dentro dessa estrutura, todo o "diferente" é *desigual*. Para controlar a permanência de uma sociedade homogênea e neutralizar a multiplicidade da vida, o eu (masculino, nunca neutro) que corta e divide, sob o pretexto de inclusão, constrói *identidades*. E essas são manejáveis porque reproduzem o princípio da uniformidade.

A feminilidade é uma identidade fundadora do sistema patriarcal. Quando Celia Amorós afirma que as mulheres são *idênticas*, isso significa que somos substituíveis umas pelas outras, pois cumprimos a mesma função social, ou seja, entre nós prevalece, cultural e simbolicamente, a indiferenciação²². Portanto, buscar a nossa "diferença" dos homens na identidade feminina que, além disso, eles criaram para nós, é uma soberana estupidez. Isso não significa que agora nos vestiremos com uma identidade própria, o objetivo é construir uma cultura sem identidades e, simultaneamente, realizar a pendência histórica e política de simbolizar a nós mesmas.

Os movimentos pós-feministas e *queers* questionam o conceito de identidade, e é por isso que eles destroem a categoria "mulher" e, em vez disso, defendem a pluralidade de diferenças. Essa ideia é traduzida no tema da *diversidade*, amplamente utilizado na maioria dos espaços feministas atuais e também, em muitos casos, da cultura estabelecida. No entanto, esse discurso forma um novo paradigma identitário, pois promove, mais uma vez, a indiferenciação. Sob sua capa estão lésbicas, gays, trans, travestis, bissexuais; ou então as diferentes ideologias, movimentos ou tipos de feminismos²³. A diversidade abrange raças e etnias, culturas, classes

22 Celia Amorós: Feminismo. Igualdad y diferencia. UNAM. México, 2001.

23 Para estudar em profundidade o uso que o feminismo institucional faz do tópico da diversidade de

sociais, idades, deficiências. Sempre inclusiva, sob seu amplo guarda-chuva, as experiências do mesmo domínio são intercambiáveis entre si.

Isso acontece porque o discurso da diversidade é um mecanismo de neutralização da expressão real da diferença que as análises radicais do feminismo tem sustentado. São essas análises que inicialmente opõem a diferença à identidade. Tomando como ponto de partida que nós mulheres somos uma *diferença negada* nessa cultura e que esse fato é o fundamento de seu desequilíbrio, podemos projetar uma proposta política que desmantele o domínio como modo de relacionamento e acomode a diferença como princípio existencial, já que a referida proposta expressa concretamente nossa diferença e mina nossa negação

Victoria Sendón de León o disse da seguinte maneira: “Nós afirmamos, desde a diferença, 'as diferenças' porque somos diferentes em comparação com um modelo construído de acordo com os privilégios da masculinidade, assim como frente a uma identidade de gênero também construída de fora”²⁴. O tema da diversidade articula objetivos semelhantes, mas apenas na aparência, pois, embora seja baseado no discurso radical da diferença, o absorve e despolitiza, já que seu objetivo estratégico é considerar a diversidade como uma obrigação discursiva, de tal maneira que a autonomia política das mulheres desapareça. Desse modo, em nome da diversidade, o patriarcado não é questionado levando em conta suas estreitas raízes e, simultaneamente, a força transformadora do *feminismo radical da diferença* é desarticulada.

No entanto, ao contrário do que a pós-modernidade coloca, as categorias "mulher" e de gênero não são apenas questões discursivas que podem ser desconstruídas. Nascermos mulheres é um fato da realidade que implica um componente biológico que me parece indiscutível, ou seja, somos um corpo sexuado; e esse fato é inseparável de outro elemento, o histórico: somos seres históricos. Em outras palavras, nascemos mulheres em uma cultura misógina, que encobre seu desprezo por nós com a ordem simbólica da feminilidade. E, embora essa operação ocorra em um único cenário – o sistema patriarcal –, podemos separar e distinguir o fato de nascermos mulheres do outro fato: o encobrimento simbólico, ideológico e material do *feminino* que

feminismos, consulte Andrea Franulic: Una historia fuera de la historia, ibidem.

24 Victoria Sendón de León: Marcar las diferencias. Discursos feministas ante un nuevo siglo. Icaria, Más Madera. Barcelona, 2002.

sofremos. A história milenar de resistência e rebelião das mulheres explica essa divisão, porque revela uma feminilidade imposta e um sistema de dominação, como o é o patriarcado. Essa história revela a violência masculina sobre nossos corpos sexuados e o controle exercido sobre nossa capacidade de dar vida.

Por isso, entre gays, travestis e transgêneros, as lésbicas se dissolvem. Não podemos comparar a experiência histórica de lésbicas com a de homens homossexuais. Precisamente porque essa é uma cultura centrada nos homens e *nós lésbicas somos mulheres*. Portanto, o discurso da diversidade se torna totalmente inócuo na medida em que encobre o abuso de poder da civilização patriarcal e o potencial político do lesbianismo é afogado nas águas estagnadas do movimento LGBT. A força transformadora do lesbianismo é sintetizada na frase de Sheila Jeffreys: “toda mulher pode se tornar lésbica”²⁵, o que significa que toda mulher pode abandonar o mandato patriarcal de servir um homem e, amando outra mulher, pode romper, ao mesmo tempo, com outro mandato: o da misoginia. Dessa forma, o lesbianismo coloca em xeque a feminilidade, *o amor romântico, a traição da mãe, a ideologia da prostituição* e a sexualidade reprodutiva²⁶. Nesse sentido, descartar a categoria mulher aumenta o controle patriarcal sobre o lesbianismo; e *LeGeBeTizar*-lo ou incorporá-lo a qualquer discurso que enfatize o tema da diversidade implica carimbá-lo com um selo de identitário.

O conceito de identidade é equivalente ao conceito saussuriano de *língua*²⁷, projetado como um tabuleiro de xadrez, no qual cada peça ocupa um lugar definido por sua oposição a outras peças²⁸. Não importa se brinco com lentilhas, botões, pérolas ou com peças de xadrez genuínas; o importante é que eles cumpram a função designada no jogo: o peão é assim porque não é um

25 Sheila Jeffreys: *La herejía lesbiana*. Ediciones Cátedra. Madrid, 1996.

26 Para aprofundar a ideia de traição da mãe, ver Adrienne Rich: *Nacemos de mujer*. Ediciones Cátedra. Madrid, 1996; também Margarita Pisano, *ibidem*. Para a ideologia da prostituição, ver Charo Altable: *Penélope o las trampas del amor*. Mare Nostrum. Madrid, 1991.

27 Ferdinand de Saussure: *Curso de lingüística general*. Editorial Losada. Buenos Aires, 1945.

28 Segundo o linguista Saussure, a língua se estrutura de forma que os signos não se relacionam com os objetos reais, materiais e sim em relação a outros signos. Por exemplo, a palavra árvore não se relaciona com uma árvore real, presença física, a relação da palavra com a árvore real é totalmente arbitrária. A verdadeira relação da palavra árvore se dá com outras palavras, logo árvore é árvore pois não é arbusto, nem galho, nem raiz, nem carro, maçaneta ou nariz. Ou seja, é uma relação negativa. O signo é tudo aquilo que não é. Assim podemos compreender melhor a comparação que a autora faz entre o esquema linguístico proposto por Saussure e a miríade de identidades possíveis no conceito de diversidade pós moderno, inclusive em sua conexão arbitrária com a materialidade. [Nota da Tradutora]

cavalo ou rainha, não importa se é representado por um soldado de feijão ou de lata.

Foi assim que Ferdinand de Saussure definiu o conceito de *lingua* em 1916 e inaugurou a ciência linguística. Essa é a linguagem que a institucionalidade masculina impõe para construir a realidade e os relacionamentos. Além disso, a influência da linguística – "a mais natural das ciências sociais", diz Bourdieu²⁹ – nas disciplinas que estudam o comportamento humano na sociedade, como a antropologia e a sociologia, é decisiva. Finalmente, todos eles se referem a uma estrutura neutra, universal e abstrata. No entanto, o tabuleiro de xadrez é o sistema androcêntrico, que define as identidades de seu jogo através de oposições que não são neutras, pelo contrário, estão impregnadas da ideia de superioridade: a feminilidade é definida pela masculinidade, ao configurar-se no sistema da língua como o Não-masculino. Em outras palavras, são relações de oposição, mas de oposições baseadas em uma lógica de domínio inclusiva.

O pós-feminismo e as políticas *queer* – inspirados na pós-modernidade que, precisamente, surge como uma resposta contrária a instituições monolíticas, como a ciência – restabelecem a mesma lógica. Eles não escapam do tabuleiro, apenas embaralham suas peças ainda dentro dele. Revolução e revolver compartilham a mesma origem etimológica³⁰. É nisso que consistem as revoluções masculinas: revolver, revirar as peças, sem questionar o tabuleiro; para isso, teriam que assumir sua profunda ignorância acerca da história das mulheres. Nas práticas *queer*, o travestismo se torna uma performance revolucionária: é responsável pela falácia de gênero, mas não revela nenhum sujeito político e histórico por trás do disfarce, portanto, reforça a ideia androcêntrica de um "sujeito universal" e a prática performática se transforma em uma diversão perigosamente frívola.

O discurso da diversidade de raças, classes sociais, idades, deficiências, opções sexuais, etnias etc., alude a uma fragmentação setorial que tem sido útil para desarticular a força civilizadora do feminismo. Sendo identitário, o tópico globalizante da diversidade se traduz em demandas no sistema patriarcal, fortalecendo-o cada vez mais. E como diz Audre Lorde, "... as ferramentas do mestre nunca desmontarão a casa do mestre. Eles nos permitirão vencer temporariamente seu

29 Pierre Bourdieu: ¿Qué significa hablar? Ediciones Akal. Madrid, 2008.

30 Joan Corominas, *ibidem*.

próprio jogo, mas nunca nos permitirão realizar mudanças reais.”³¹ Ou seja, a partir da lógica da inclusão, a visão androcêntrica não é desconstruída, porque essa lógica é sua principal ferramenta. A mesma que faz com que as análises feministas de gênero permaneçam presas e limitadas, principalmente as acadêmicas.

Nossa potência política está na exclusão: nós mulheres desfrutamos de uma posição de *estrangeria* radical. E, a partir deste local, podemos "aprender a tomar nossas diferenças e transformá-las em potencialidades"³². Nesse sentido, "nossas diferenças" – que no contexto atual são desigualdades – não devem nos dividir, pelo contrário, tem de nos potencializar a mergulhar no conhecimento do domínio patriarcal e iniciar seu desmantelamento. E quando digo que elas não devem nos separar, não o faço inocentemente, porque conheço as traições históricas entre as mulheres e as representatividades autoconcedidas no feminismo. Ultimamente, a maioria dos discursos feministas estão ocupados nomeando todos os eixos articuladores que marcam a diversidade entre as mulheres, mas muitos poucos se detêm em uma análise desconstrutiva da feminilidade, vista não como fachada, disfarce ou papel social, mas, parafraseando Virginia Woolf, como “*aquele longo cativo que nos corrompeu tanto por dentro como por fora*”³³. A intencional moda epistemológica determina hoje que é mais importante insistir nas “diferenças” que nos separam das mulheres do que na experiência comum que nos une. E depois das divagações intelectuais da pós modernidade, também não se escuta uma proposta política e filosófica que contrarie a macroideologia patriarcal.

Por outro lado, desde o *feminismo radical da diferença*, se trata de tomar essa experiência em comum para transformá-la em um projeto político e filosófico que, localizado *desde fora* (“*afora*”), investigue o conhecimento dos mecanismos fundadores e, também, daqueles que perpetuam a cultura androcêntrica; tudo isso para abandoná-la e propor outras formas de relacionamento entre os seres humanos e com o mundo. Nesse sentido, as especificidades que realmente existem entre nós – classe, raça, idade – devem nos unir ideologicamente para realizar a construção deste foco de referência que, esperamos, seja atraente para muitas (e muitos) e que, com sua mera presença desmonte o essencialismo de nossas mentes. E, também nesse sentido,

31 Audre Lorde em María Milagros Rivera Garretas: *Nombrar el mundo en femenino*. Icaria. Barcelona, 1994.

32 Audre Lorde, *ibidem*.

33 Virginia Woolf: *Relatos completos*. Alianza Editorial. Madrid, 2008.

nossas divisões devem ser motivadas por idéias – e não pela fragmentação identitária do sistema patriarcal –, por diferenças ideológicas assumidas e evidenciadas com total transparência para podermos discuti-las e confrontá-las. Isso seria ensaiar um modo de relacionarmo-nos e de fazer política sem a lógica da inclusão, mas no qual a *diferença* tem um lugar como princípio existencial.

Até quando continuaremos a participar da *grande derrota do homem*, desse "sujeito universal" que na verdade não o é e por trás do qual a negação de quem somos se esconde? Quanto tempo levaremos pra perceber que essa ideia é a base de uma civilização desequilibrada? O domínio sobre o qual Lonzi nos adverte, causado pela integração igualitária, hoje está vestido com uma roupa nova, a da pós-modernidade e seu feminismo. Cada camada aprofunda o esquecimento de nossa história (“nossos traços são apagados, os traços de nossos traços”)³⁴ e, ao mesmo tempo, o poder patriarcal se torna cada vez mais simbólico, invisível e tirânico. E o sistema acadêmico e intelectual é um dos principais mecanismos de sofisticação de seu domínio.

Ao dismantelar a categoria "mulher", o pós-feminismo reforça o mais obscuro e intencional vazio que essa cultura mantém para se perpetuar, a saber: a história milenar de resistência e rebelião das mulheres. Junto com isso, nos impede de construir politicamente desde nós mesmas atando nossas mãos, porque sem consciência histórica é impossível propor um projeto para o futuro. O que finalmente nos leva a sustentar a crença essencialista de que essa civilização androcêntrica é a única versão da humanidade que pode existir. O que estamos esperando para radicalizar nossa diferença política e rejeitar as ideologias masculinas que sempre intervieram em nós, absorvendo e despolitizando nossa força transformadora para preservar sua dominação ou, sujeitando-a aos objetivos de suas lutas, *que nunca desatarão os nós originais*³⁵ de sua deshumanizada cultura?

34 Celia Amorós: *Feminismo: igualdad y diferencia*. PUEG, UNAM. México, 2001, p.34.

35 Os trechos em itálicos fazem alusão - embora não literalmente - a frases do livro de Carla Lonzi, mencionado anteriormente.